


FRAMES EM TEXTOS: ENQUADRAMENTOS DE RACISMO EM ARTIGOS DE OPINIÃO SOBRE A #SOMOSTODOSMACACOS

Rafahel Parintins*

 <https://orcid.org/0000-0003-0128-3068>

Como citar este artigo: PARINTINS, R. *Frames em textos: enquadramentos de racismo em artigos de opinião sobre a #SomosTodosMacacos*. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 1-18, maio/ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETD017104>.

Submissão: 22 de maio de 2024. **Aceite:** 4 de junho de 2024.

Resumo: O presente artigo analisa enquadramentos (*framings*) sociocognitivos do racismo em artigos de opinião sobre a #SomosTodosMacacos, de 2014. Fundamentamo-nos aqui em uma abordagem textual dos *frames*. Os resultados sugerem que, no *corpus*, há uma intersubjetividade coletiva no enquadramento predominante do racismo como uma entidade não agentiva causadora de vítimas.

Palavras-chave: *Frame*. Texto. Artigo de opinião. Racismo. Antirracismo

INTRODUÇÃO

■ Este artigo¹ objetiva identificar enquadramentos (*framings*) sociocognitivos (recorrências predominantes de um determinado *frame* ou elemento de *frame*) do racismo no Brasil em artigos de opinião sobre a #SomosTodosMacacos (usada em diferentes redes sociais em 2014). Sugerimos que esses *framings* predominantes baseiam-se, ancoram-se em uma intersubjetividade coletiva que serve como *background* sociocognitivo ou matriz pragmática (Tomasello, 1999) dos artigos de opinião em foco.

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil. E-mail: rafahelparintins@gmail.com

1 Agradeço a Erik Miletta Martins (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN) pela leitura de uma primeira versão deste texto.

Assumimos aqui uma abordagem sociocognitivista interacional da linguística textual (Koch, 2002, 2004) e uma perspectiva textual (portanto, dinâmica e interativa) de *frames* com base nos trabalhos do grupo de pesquisa Cognição, Interação e Significação (Cogites)², liderado pela professora doutora Edwiges Morato, do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – IEL-Unicamp (Morato, 2010; Morato; Bentes, 2013; Martins, 2015; Morato *et al.*, 2017; Parintins Lima, 2019; Parintins Lima; Morato, 2020; entre outros). Neste estudo, retomamos os dados de Parintins Lima (2019)³, que analisa ativações textuais de *frames* relacionados a racismo nos referidos artigos de opinião.

Esses artigos foram publicados em veículos de comunicação nacionalmente relevantes, conforme apresentaremos na seção “Metodologia”, em reação à publicação da *hashtag* foi publicada pela primeira vez em 27 de abril de 2014 pelo jogador brasileiro negro de futebol Neymar Júnior em resposta ao ato de racismo sofrido por seu colega no clube Barcelona, Daniel Alves, também negro, no mesmo dia, em uma partida contra o Villarreal, na Espanha. Nesse dia, torcedores do clube Villarreal jogaram bananas na direção de Daniel Alves, um pouco antes de este cobrar um escanteio. A reação de Daniel foi a de, antes de cobrar o escanteio, abaixar-se, pegar uma das bananas, descascá-la e comê-la.

Segundo Marcuschi (2006, p. 11), na produção e na compreensão dos textos, “uma determinada expressão pode evocar um conjunto de propriedades, relações ou associações (*frames*, cenários, esquemas etc.)”. Os *frames*, que possuem uma natureza a um só tempo linguística, interacional e sociocognitiva, fazem parte das referidas formas de construção de modos de ver e de discretizar objetos do mundo, como o racismo. Os *frames* são aqui entendidos como

[...] conjuntos ou “blocos” de conhecimentos inter-relacionáveis que, incorporados por meio de práticas sociais nas quais emergem e por meio das quais se reconstróem, atuam na organização de nossas experiências e são reciprocamente por elas organizados (Morato, 2010, p. 98).

O presente estudo fundamenta-se na perspectiva do texto como forma de cognição social (Morato, 2023)⁴, considerando o texto como a unidade ontológica do uso da linguagem (Koch, 2004) e não apenas um *locus*, um depósito de fenômenos linguísticos ou sociocognitivos. O texto é entendido aqui não como conjunto de elementos linguísticos situacionalmente conectados, mas como evento interativo para o qual concorrem ações sociocognitivas de diferentes naturezas, incluindo ações linguísticas (Beaugrande, 1997, p. 110). Uma abordagem textual dos *frames* emerge de uma abordagem (socio)cognitivista da linguagem⁵, cultivada pela linguística cognitiva (Salomão, 1997, 1999, 2003; Miranda; Salomão,

2 Informações sobre o grupo de pesquisa Cogites estão disponíveis em: <http://cogites.iel.unicamp.br>. Acesso em: 12 jan. 2024.

3 A tese de doutorado em Linguística de Parintins Lima (2019, p. 18), orientado pela professora doutora Edwiges Maria Morato (IEL-Unicamp), teve como objetivo: “identificar e discutir a construção textual e sociocognitiva do racismo e do antirracismo em artigos de opinião contextualmente motivados e intertextualmente relacionados à publicação da *#SomosTodosMacacos* realizada pelo jogador brasileiro de futebol Neymar Júnior em 27 de abril de 2014 nas redes sociais”. O estudo também analisou as formas intertextuais presentes nos artigos de opinião. Esses dados intertextuais não serão aqui reapresentados, uma vez que não são o foco deste texto. O trabalho de Parintins Lima (2019) foi desenvolvido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

4 O texto como forma de cognição social é aqui tratado também por meio de seus processos constitutivos (Morato, 2023). No caso deste estudo, referência e predicação.

5 Ver Salomão (1997, 1999, 2003) e Koch e Cunha-Lima (2004), para discussões aprofundadas, e Parintins (2023), para uma apresentação resumida do cognitivismo (não clássico) e do sociocognitivismo.

2010; entre outros) e pela linguística textual de “linha koch-marcuschiana” (Marcuschi, 1983; Koch, 2002, 2004).

A metodologia do estudo consistiu no levantamento quantitativo e qualitativo de ativações de *frames* de racismo por meio de expressões referenciais e predicações verbais em dez artigos de opinião responsivos à publicação da #Somos TodosMacacos nas redes sociais por Neymar Júnior e aos contextos mais relevantes que a envolveu. Procuramos mostrar, por meio da apresentação dos dados concernentes às ativações textuais do *frame* de racismo, que essas ativações tendem a enquadrar (*framing*) o racismo como uma ENTIDADE, sem ênfase em seus agentes, e sim em suas vítimas.

ABORDAGEM TEXTUAL DOS FRAMES

Entendidos como formas de representação e de uso de determinados conhecimentos e experiências organizados e compartilhados, os *frames* podem ter diferentes graus de compartilhamento nos seguintes sentidos:

- 1) um grupo social pode compartilhar um *frame* enquanto outro não (Vereza, 2013, p. 119);
- 2) o *frame* pode ser compartilhado por grupos sociais de diferentes tamanhos (uma categoria social, uma comunidade, uma família, um bairro, uma região geográfica, uma cultura);
- 3) nem todos do mesmo grupo compartilham o *frame* ou exatamente o mesmo *frame* da mesma forma (Morato *et al.*, 2017);
- 4) há *frames* mais flexíveis, mais propensos à mudança (de algum de seus elementos ou relações) do que outros.

Por serem compartilhados, coletivamente armazenados, os *frames* podem ser considerados relativamente estáveis – não são voláteis – e, ao mesmo tempo, justamente por serem relativamente estáveis, são compartilháveis. Preservam, com variações, estrutura e elementos durante determinado período histórico. No entanto, em seu uso, eles são dinâmicos no sentido de que apresentam também uma instabilidade constitutiva em relação à possibilidade de diferentes elementos (prévios ou localmente novos) de *frames* e de relações entre esses elementos serem acionados em determinado momento do texto ou do evento interativo.

Tomasello (1999) e Koch e Cunha-Lima (2004), ao se referirem aos *frames*, chamam a atenção para a sua ativação por meio de itens lexicais. Koch (2004) também menciona o *frame* como um esquema cognitivo organizador de relações lexicais emergentes no texto, de modo que o fenômeno é até mesmo por ela associado ao de campo lexical.

Procurando superar a separação entre perspectivas inicialmente apenas léxico-gramaticais – como a da semântica de *frames* de Fillmore (1982, 1985), que, de certo modo, reverbera em Tomasello (1999), Koch e Cunha-Lima (2004) e Koch (2004) – e perspectivas sociointeracionistas, como a de Goffman (1974), adotamos aqui uma visão dinâmica e discursiva de *frames*, herdando diferentes compreensões do fenômeno a partir de estudos⁶:

6 Tem sido bastante pontuado em numerosos trabalhos que a tradição dos estudos de frames e construtos assemelhados e não necessariamente convergentes passa também pelos estudos da psicologia, da inteligência artificial, da semântica e da sociologia. Uma discussão abrangente desses numerosos trabalhos é desenvolvida em Morato (2010).

- 1) do campo da linguística cognitiva e da psicolinguística, como Fillmore (1982, 1985), Cienki (2007) e Coulson (2001);
- 2) de uma interface entre linguística cognitiva e uma abordagem discursiva, como em Vereza (2010), Ishikawa e Miranda (2017), Miranda e Bernardo (2013), Santos (2020), Chishman e Santos (2017), entre outros;
- 3) da linguística textual e da neurolinguística, em uma abordagem textual-discursiva, sociocognitivista e interacionista, desenvolvida pelo grupo de pesquisa Cogites (Morato, 2020), liderado pela professora doutora Edwiges Morato, como em Morato (2010), Morato e Bentes (2013), Martins (2015), Morato *et al.* (2017), Parintins Lima (2019) e Parintins Lima e Morato (2020), entre outros.

Em uma perspectiva textual de *frames*, estes deixam de ser vistos como construtos cognitivos ativados apenas por itens lexicais: os *frames* são “evocados ou elaborados tanto por unidades lexicais, quanto por construções textuais” (Morato; Bentes, 2013, p. 126).

Em termos breves, os *frames*:

- 1) organizam conhecimentos por meio da inter-relação de seus elementos (pelo menos desde a concepção de Minsky (1975), em uma perspectiva computacional);
- 2) mobilizam esses conhecimentos quando ativados em processos sociocognitivos e interativos, por meio de diferentes semioses (Morato, 2010), salientando ou mesmo criando localmente elementos e relações entre eles (cf. Coulson, 2001; Vereza, 2010; Morato; Bentes, 2013);
- 3) organizam a própria linguagem em uso ao serem ativados, permitindo a emergência ou a implicação de construções léxico-gramaticais, semânticas, textuais.

O sociocognitivismo, na linguística textual, tal como desenvolvido no Brasil, como por meio de Koch (2004) e Marcuschi (2007), postula que a unidade do uso da linguagem é o texto. Por essa razão, uma perspectiva textual (no sentido sociocognitivista e interacionista dessa qualificação, aqui apresentado) da análise de *frames* é fundamental. Nesse sentido, quando mobilizados por meio da linguagem, os *frames* são ativados apenas *em textos* – portanto, por meio de construções textuais.

Neste trabalho, uma perspectiva textual do *frame* é assegurada, em parte, pela análise da sua mobilização em expressões referenciais (isto é, expressões nominais) e predicções verbais. Uma abordagem textual exige considerar processos textuais, quer dizer, constitutivos do texto, tais como a referenciação (as cadeias referenciais) (Mondada; Dubois, 2003; Koch; Marcuschi, 1998; Koch, 2002, 2004, entre outros), como desenvolvido em Morato e Bentes (2013) e em Morato *et al.* (2017), e os fatores de textualidade, também chamados de princípios, critérios de textualização ou de construção textual do sentido (Beaugrande; Dressler, 1987; Koch, 2004; Marcuschi, 2008).

No caso da interação *entre textos* (cf. Menegaldo, 2016), como o que ocorre indiretamente nos textos aqui analisados, a perspectiva textual dos *frames*, a nosso ver, deve ser incrementada com o pressuposto de que a alta frequência de

um *frame* em diferentes textos, em um contexto delimitado, sinaliza um padrão intertextual de uso desse *frame*, se por “intertextual” entendermos qualquer interação que um texto estabelece com outro na construção do sentido (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008; Koch, 2004).

Considerando a definição de texto como “evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais” (Beaugrande, 1997, p. 110), podemos entender as expressões referenciais e as predicções verbais como ações de natureza mais linguística e os *frames*, no texto, como ações sociocognitivas mobilizadas, por sua vez, por ações linguísticas. A função textual dessas ações linguísticas aqui destacada é a da construção do sentido de entidades que elas referem, no caso das expressões referenciais, ou que elas predicam, no caso das predicções verbais⁷.

Sobre uma abordagem textual e sociocognitiva de *frames* aplicada à análise do *frame* de racismo em artigos de opinião sobre a #SomosTodosMacacos, Parintins Lima (2019, p. 142) salienta:

Entendemos que uma abordagem dialética (textual e sociocognitiva) da noção de frame pode lançar luz sobre a interação entre aspectos micro e macro da linguagem, da cognição e das relações sociais (ainda que o foco analítico seja micro, como no caso desta tese), uma vez que a análise de corpus pode revelar recorrências e, portanto, indiciar processos mais amplos (Agha, 2007). Assim, a noção de frame pode tocar na relação dialética entre, de um lado, ações e práticas linguístico-textuais que evocam ou mobilizam os frames como construtos sociocognitivos relativamente estabilizados ou em processo de (des)estabilização e, de outro lado, práticas sociais e conhecimentos sociocognitivamente organizados e socialmente distribuídos, ou em processo de (des)organização e de distribuição. Nesse sentido, é uma ferramenta analítica importante da representação de processos sociais (cf. Miranda & Bernardo, 2013; Lima, 2014), como o racismo, que envolve tanto ações micro, locais, quanto práticas sociais menos ou mais institucionalizadas, como a segregação, a privação da liberdade, o genocídio, o exílio, o preconceito e a discriminação.

Vejam como aplicamos a abordagem textual do *frame* de racismo nos artigos de opinião analisados sobre a #SomosTodosMacacos.

METODOLOGIA

O conjunto de textos analisado é composto por dez artigos de opinião sobre a #SomosTodosMacacos, conforme mostra o Quadro 1.

Devemos considerar que o conjunto dos artigos de opinião analisados sobre a #SomosTodosMacacos não foi produzido em concerto, quer dizer, de forma coletivamente planejada pelos seus autores. No entanto, a concomitância espacotemporal (no Brasil, na semana posterior à publicação dos artigos), bem como a predominância de autores com experiência na temática racial brasileira, apontam para uma intersubjetividade coletiva nos textos analisados.

⁷ Salientamos, no entanto, que as predicções verbais, justamente por predicarem referentes, também colaboram para a construção do sentido destes (Morato *et al.*, 2012).

Sigla	Título	Autor	Ocupação	Suporte	Identificação do suporte	Data de publicação
T1	<i>Somos todos macacos</i>	Emir Sader	Cientista político e sociólogo	Portal de notícias	<i>Carta Maior</i>	28/04/2014
T2	<i>#Somos Todos Macacos Coisa Nenhuma</i>	Marcos Sacramento	Jornalista	Portal de notícias	<i>Diário do Centro do Mundo</i>	28/04/2014
T3	<i>Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!</i>	Douglas Belchior	Ativista e professor de História	Revista	<i>Carta Capital</i>	28/04/2014
T4	<i>Não somos macacos</i>	Breiller Pires	Jornalista	Revista	<i>Placar</i>	28/04/2014
T5	<i>#somostodosbananas</i>	Mirelle Martins	Jornalista	Portal de notícias	<i>HuffPost Brasil</i>	28/04/2014
T6	<i>Somos todos humanos</i>	Hélio Silva Jr.	Advogado	Jornal	<i>Folha de S.Paulo</i>	29/04/2014
T7	<i>Somos todos macacos</i>	Artur Xexéo	Jornalista	Jornal	<i>O Globo</i>	30/04/2014
T8	<i>Somos todos macacos?</i>	Daivisom Campos	Cientista da Comunicação	Jornal	<i>Zero Hora</i>	30/04/2014
T9	<i>A bananização do racismo</i>	Ana Maria Gonçalves	Escritora	Portal de notícias	Geledés	01/05/2014
T10	<i>Racismo não</i>	Camila Brandalise	Jornalista	Revista	<i>ISTOÉ</i>	03/05/2014

Quadro 1 – Artigos de opinião coletados sobre a #SomosTodosMacacos

Fonte: Parintins Lima (2019, p. 151).

Seguindo a metodologia adotada em Parintins Lima (2019), os critérios de seleção desses textos foram os seguintes:

- 1) Os textos pertencem ao gênero artigo de opinião.
- 2) Tematizam a #SomosTodosMacacos – intertextualidade temática (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008).
- 3) Estão escritos em português brasileiro.
- 4) Foram publicados na semana posterior ao dia em que ocorreu a publicação da *hashtag*: de 27 de abril a 3 de maio de 2014.

Uma vez coletados, observamos que os artigos se posicionam contra o racismo no futebol, no Brasil e/ou no mundo. Mas, além disso, a maioria dos artigos defende que a #SomosTodosMacacos e/ou a campanha de que ela fez parte, promovida pelo jogador de futebol Neymar Júnior e pela agência de publicidade Loducca, embora tivesse sido publicada em defesa de Daniel Alves e contra o racismo, acabou reproduzindo a representação racista do negro como macaco e,

nesse sentido, poderia ser considerada ela mesma uma campanha racista ou, pelo menos, de um antirracismo duvidoso. Apenas T1, T7 e T10 (respectivamente, os artigos “Somos todos macacos”, do sociólogo Emir Sader, “Somos todos macacos”, do jornalista Artur Xexéo, e “Racismo não”, da jornalista Camila Brandalise) não apresentaram questionamentos críticos à *hashtag* e à campanha de Neymar Júnior (Parintins Lima, 2019).

Descrição do frame Racismo

A metodologia a ser adotada na pesquisa é a desenvolvida em estudos anteriores do grupo de pesquisa Cogites (Morato; Bentes, 2013; Morato *et al.*, 2017; Parintins Lima, 2019; Parintins Lima; Morato, 2020; Parintins, 2022). Os estudos citados descrevem com maior detalhamento a metodologia quantitativa e qualitativa de análise de *frames* adotada. A notação de *frames* foi baseada na adotada pelos projetos FrameNet, da Universidade Federal de Juiz de Fora⁸ e do International Computer Science Institute, da Universidade da Califórnia⁹. No entanto, a contraparte linguística dos *frames* identificadas são as construções linguístico-textuais citadas, e não as construções estritamente léxico-gramaticais com que a FrameNet trabalha.

O *frame* Racismo foi descrito por Parintins Lima (2019) da seguinte maneira:

Frame Racismo	
Definição	Entre os Seres_humanos há pelo menos dois Grupos racializados estabelecidos a partir de suas Características_Físicas. As Características físicas (morfofenotípicas) determinam Características culturais (comportamento, psique, cultura, linguagem etc.) de forma que há uma dominação do Grupo racial desvalorizado , com características inferiores(izadas) (negativamente valoradas, rejeitadas), pelo Grupo racial valorizado , com características superiores (positivamente valorizadas, prestigiadas). Este <i>frame</i> tende a ser mais incorporado pelos membros do Grupo racial valorizado .
EFs (elementos do frame)	Grupo racializado: grupo humano que compartilha Características_físicas e Comportamentais em decorrência das quais são Valorizados ou Desvalorizados e, no caso destes, frequentemente vítimas de violência simbólica, física. Características: aspectos ou Características_físicas ou Culturais utilizadas para a classificação da Pessoa em um Grupo_racial_valorizado ou desvalorizado e sua decorrente violência simbólica, física ou não. Os EFs nucleares, por sua relevância no <i>frame</i> Racismo, podem ser destacados de modo a formar o subframe Diferenciação_racial, que se centra mais no sentido de racialização propriamente dito do que de racismo.

(continua)

8 Mais informações estão disponíveis em: <https://www2.ufjf.br/framenetbr/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

9 Mais informações estão disponíveis em: <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

Frame Racismo	
EFs (elementos do frame)	<p>Agente_do_racismo: Pessoa ou entidade personificada que <i>exerce</i> racismo (nesse caso, tomado como uma Ação).</p> <p>Racismo: Ação, Evento ou prática de um Agente por meio da qual o racismo se realiza.</p> <p>Vítima_do_racismo: Pessoa ou entidade personificada que sofre o racismo. Reação_ao_racismo: comportamento ou atitude de uma Pessoa ou entidade personificada frente ao Evento_racista ou Racismo.</p> <p>Ação_contra_o_racismo: prática, política ou proposta de ação antirracista que, de forma mais direta ou indireta, colabora para a igualdade racial e a diminuição ou o fim do racismo.</p> <p>Agente e Reagente_ao_racismo: pessoa, coletividade ou instituição que se apresenta em resposta ou pelo fim/diminuição do racismo.</p>

Quadro 2 – Descrição do *frame* Racismo e definição de seus elementos

Fonte: Parintins Lima (2019, p. 164-165).

Na definição desse *frame*, participam EFs como Racismo, Vítima_do_racismo, Reação_ao_racismo, Ação_contra_o_racismo, Agente_do_racismo e Reagente_ao_racismo, conforme as definições apresentadas no Quadro 2. Na análise que apresentaremos a seguir, serão identificados os elementos de *frame*, dentre os já definidos, mais acionados nos artigos de opinião sobre a #SomosTodos Macacos.

Expressões referenciais e predicções verbais como ativadoras de frame

Focalizamos aqui como mobilizadores linguístico-textuais de *frames* as expressões referenciais e as predicções verbais, que são, no estudo, as categorias linguístico-textuais de análise.

As expressões referenciais são aqui entendidas como as construções típicas de referência, as expressões nominais (Koch, 2004, p. 67). A partir da codificação linguística que Koch (2004, p. 68) atribui às descrições definidas, podemos apontar como codificação das expressões referenciais em geral a seguinte:

$$(Determinante) + (Modificador(es)) + Nome + (Modificador(es))$$

Nessa estrutura, apenas o nome-núcleo é imprescindível. O determinante pode ser preenchido por artigos ou pronomes demonstrativos, enquanto os modificadores podem ser preenchidos por adjetivos, sintagmas preposicionadas ou orações relativas (Koch, 2004, p. 68).

Por sua vez, são consideradas predicções verbais aquelas que possuem como núcleo gramatical um verbo, obedecendo à seguinte codificação (Neves, 2006; Basseto, 2008; Ferrari, 2018; Parintins Lima, 2019):

$$\text{Verbo} + (\text{Objeto ou oração objetiva}) + (\text{Adjunto adverbial ou oração adverbial})$$

Consideramos nessa codificação gramatical os verbos que não são impessoais (por exemplo, não se consideram os verbos “chover”, “haver” ou “ter” no sentido de “haver” etc.). Excluimos também os verbos de ligação e os de orações

relativas previstas nas expressões referenciais (para evitar duplicação de dados). O objeto aparece se assim permitir a transitividade do verbo.

Um exemplo da identificação da mobilização do *frame* por meio de expressões referenciais e predicções verbais é apresentado em Parintins Lima (2019, p. 166). No exemplo 1 a seguir, o autor identifica a mobilização do *frame* Racismo, foco de seu estudo:

- (1) Em 2016, policiais mataram 963 pessoas brancas e mais de 3.000 negras.

Segundo Parintins Lima (2019, p. 166), esse enunciado pode ser analisado da seguinte forma relativamente aos EFs Racismo que nele são mobilizados:

Temos, nesse caso, a mobilização do frame Racismo porque:

(a) A referência [expressão referencial] a “pessoas brancas” e a “[pessoas] negras” evoca os EFs centrais Grupos_racializados; até aqui, podemos pensar em um subframe de racialização: Diferenciação_racial.

(b) O uso dos numerais “963” e “mais de 3.000” e a distância quantitativa entre eles indica uma comparação quantitativa de pessoas (mortas por policiais) que evoca uma desigualdade entre Grupos_racializados: um Grupo_racial_valorizado e um Grupo_racial_desvalorizado ou inferiorizado e, portanto, o frame Racismo e o enquadramento deste Grupo também como Vítima_do_racismo.

[...]

(c) O referente [expressão referencial] “963 pessoas brancas” preenche o EF Grupo_racial_valorizado.

(d) O referente “mais de 3.000 negras” preenche os EFs Grupo_racial_desvalorizado e Vítima_do_racismo.

(e) O referente [expressão referencial] “policiais” preenche sociocognitivamente o EF Agente_do_racismo.

(f) A predicção verbal “mataram 963 pessoas brancas e mais de 3.000 negras” estabelece relações entre os referentes e entre os EFs que estes preenchem: o Agente_do_racismo exerce a ação de matar em uma quantidade maior o Grupo_racial_desvalorizado do que o Grupo_racial_valorizado.

Como observamos nesse exemplo, tanto o caráter gramatical da expressão construtora de referência – a expressão nominal ou a predicção verbal – quanto as relações semânticas entre as construções lexicais, como “policiais”, “mataram”, “963 pessoas brancas”, “mais de” e “3.000 negras”, são fundamentais para a mobilização do *frame* Racismo.

Em relação ao levantamento quantitativo das ativações de *frames* relacionados a racismo, consideramos que a cada forma textual ativadora de *frame* corresponde uma ativação desse *frame*. Para a comparação, entre os textos, dessas formas textuais e ativações dos *frames* sobre racismo, consideramos o índice (em porcentagem) dessas ocorrências em cada texto, e não a quantidade absoluta, uma vez que cada texto possui uma natureza diferente, não podendo ter o número absoluto de ocorrências de mobilizações de *frames* diretamente comparado.

Quantificamos:

- 1) os EFs do *frame* Racismo (os mais ligados ao EF Racismo e os mais ligados ao EF Reação_ao_racismo) mais ativados por expressões referenciais;

2) e os EFs do *frame* Racismo (os mais ligados ao EF Racismo e os mais ligados ao EF Reação_ao_racismo) mais ativados por predicções verbais.

Apresentamos esses dados quantitativos a seguir.

ATIVAÇÕES DO FRAME RACISMO NOS ARTIGOS DE OPINIÃO SOBRE A #SOMOSTODOSMACACOS

No conjunto de artigos de opinião analisados, foram encontradas 793 ativações de sete *frames* relevantes relacionados a racismo, dentre eles o próprio *frame* Racismo. Os *frames* mais frequentes foram Racismo, Insulto, Evolucionismo, Civilização e Escravidão¹⁰. Para que se tenha uma ideia da distribuição absoluta das ativações de *frames* relacionados a racismo no texto, informamos que a menor quantidade de ativações em um texto foi 45, no texto 8 (“Somos todos macacos?”, do cientista da comunicação Devisom Campos), e a maior foi 167, no texto 9 (“A bananização do racismo”, da escritora Ana Maria Gonçalves) (Parintins Lima e Morato, 2020, p. 1653-1654). O número dessas ativações é relativamente proporcional ao tamanho do próprio texto (dentre outros fatores).

O levantamento quantitativo de ativações de EFs do *frame* Racismo, foco deste estudo, sugere que há uma tendência de mobilização dos elementos Racismo e Vítima_do_racismo do *frame* Racismo (rever a descrição desse *frame* e desses elementos no Quadro 2), o que, por sua vez, sugere que o racismo tende a ser enquadrado pelo conjunto desses textos como uma ENTIDADE (uma ação, uma prática, um evento etc.): pode haver uma convergência para uma intersubjetividade coletiva que enquadra o racismo dessa forma.

No Gráfico 1, observamos o índice de mobilização dos EFs do *frame* Racismo no *corpus*, por meio de expressões referenciais.

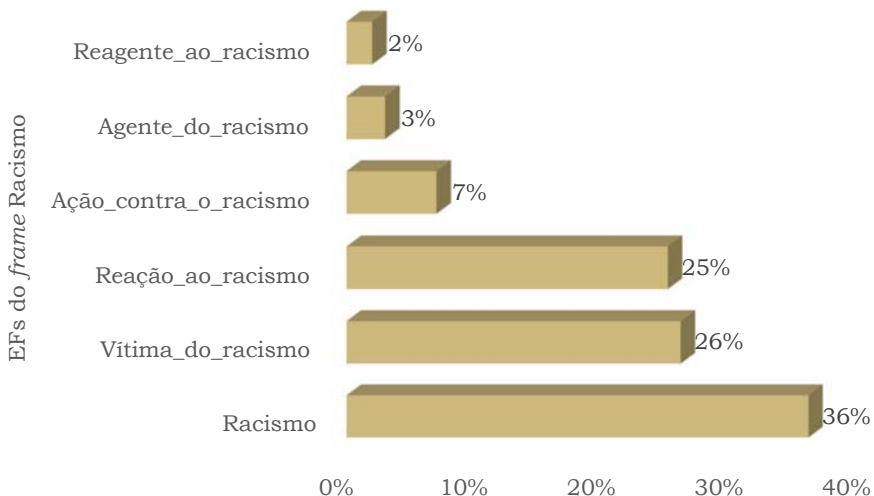


Gráfico 1 – Índice de mobilização de EFs do *frame* Racismo por meio de expressões referenciais

Fonte: Adaptado de Parintins Lima (2019, p. 274).

¹⁰ Por economia de espaço, não apresentamos as definições desses *frames* aqui. O leitor pode consultá-las em Parintins Lima e Morato (2020).

Algumas observações são realizadas por Parintins Lima (2019, p. 274) em relação aos dados apresentados no Gráfico 1:

(i) A predominância do EF Racismo pode se dever ao próprio contexto/tema relevante do racismo no corpus, considerando os contextos mais imediatos e também relevantes da ação racista contra DA [Daniel Alves], da reação deste [de comer a banana] e da reação de NJ [Neymar Júnior, reação de realizar postagens no Instagram].

(ii) A forte mobilização do EF Vítima_do_racismo no corpus indica, a nosso ver, o foco nas vítimas do racismo, mais do que nos seus agentes, o que colabora com o delineamento de uma realidade que é caracterizada pelo impacto social nas pessoas negras.

(iii) A saliência do EF Reação_ao_racismo pode estar ligada à relevância dos contextos mais imediatos da reação deste a esse ato e da reação de NJ.

(iv) A baixa presença do EF Ação_contra_o_racismo aponta para a maior construção da entidade racismo, no texto, do que propriamente de ações ou de propostas de ações contra ele.

(v) A baixa presença de mobilizações do EF Agente_do_racismo indica que o racismo construído, como vimos, é mais visto como um processo ou fenômeno social com pouca ênfase nos atores sociais que o provocam.

(vi) A baixa quantidade de mobilizações do EF Reagente_ao_racismo corrobora a baixa presença de mobilizações do EF Ação_contra_o_racismo ao dar menos ênfase a agentes, a ações ou a propostas de ações antirracistas.

Parintins Lima (2019, p. 273) também observa, considerando os dados apresentados no Gráfico 1, uma tendência, no conjunto dos textos analisados, a salientar, por meio de elementos de *frames*, as vítimas do racismo e suas dificuldades, como forma de destacar, denunciar e descrever o racismo, em vez de focar os seus perpetradores ou agentes, o que poderia ser entendido, se assim ocorresse, como uma abordagem antirracista de identificação e denúncia de atores sociais racistas:

Embora os apontamentos (i) e (ii) [da citação anterior] estejam mais ligados a contextualizações mais ou menos esperadas no corpus, eles também nos permitem apontar a generalização de que o racismo construído textual e sociocognitivamente no corpus indicia, a princípio, uma espécie de “racismo de vítimas” (mais do que um “racismo de racistas”, por exemplo), além das poucas expressões referenciais e EFs que construam (re)agentes, ações ou propostas antirracistas. Assim, as ações textual-sociocognitivas no corpus convergem para a tendência de representação do racismo como processo ou conjunto de práticas sociais caracterizadas pelo seu efeito negativo contra a população negra, mais do que pela identificação, pela responsabilidade, pela intencionalidade ou pelo efeito positivo para os seus agentes (os racistas ou seus vetores), por exemplo. O racismo, assim, seria uma “força” que age na sociedade contra determinados grupos (Parintins Lima, 2019, p. 273-275).

Conforme os dados apresentados no Gráfico 1 sugerem, o EF mais recorrente na produção de expressões referenciais é Racismo, que ocorre quando o *frame* Racismo é mobilizado por uma entidade “avatar” correspondente a expressões referenciais como “racismo”, “discriminação racial”, “preconceito” etc. Essas expressões referenciais apresentam o racismo ou referentes relacionados como

uma entidade abstrata, cujas propriedades só podem ser “imaginadas”, inferidas como compartilhadas entre autor e leitor. É o caso do exemplo a seguir, no qual se observa que a expressão referencial “a discriminação nos campos de futebol” designa não um agente do racismo, mas um de seus aspectos, o racismo *no futebol*¹¹:

(2) T1, “Somos todos macacos”, de Emir Sader, *Diário do Centro do Mundo*

§1/7 Depois da enésima vez que jogaram bananas contra jogadores negros na Europa, Daniel Alves resolveu comer a banana e Neymar declarou: “Somos todos macacos”. É o começo da reação, que os próprios europeus parecem incapazes de fazer, contra a discriminação nos campos de futebol, que é apenas a extensão da vida cotidiana em países que se consideram “brancos e civilizados”.

Nesse exemplo, a agentividade do racismo é indicada, na verdade, por predicções verbais como “[os próprios europeus] *parecem incapazes de fazer* [uma reação contra a discriminação nos campos de futebol]”. Segundo Parintins Lima (2019, p. 273), “por não serem caracterizados como reagentes à discriminação, [os europeus] são tomados implicitamente como *agentes* da ‘discriminação nos campos de futebol’”.

Por meio das predicções verbais, que contribuem para a ativação do *frame* Racismo, podemos observar a prevalência dos EFs Vítima_do_racismo, Racismo e Reação_ao_racismo, como evidenciado no Gráfico 2. Isso sugere que, mesmo por meio de predicções verbais, que poderiam (re)construir o *frame* Racismo por meio de novos atributos, o racismo é enquadrado como sendo “de vítimas” (Parintins Lima, 2019, p. 276).

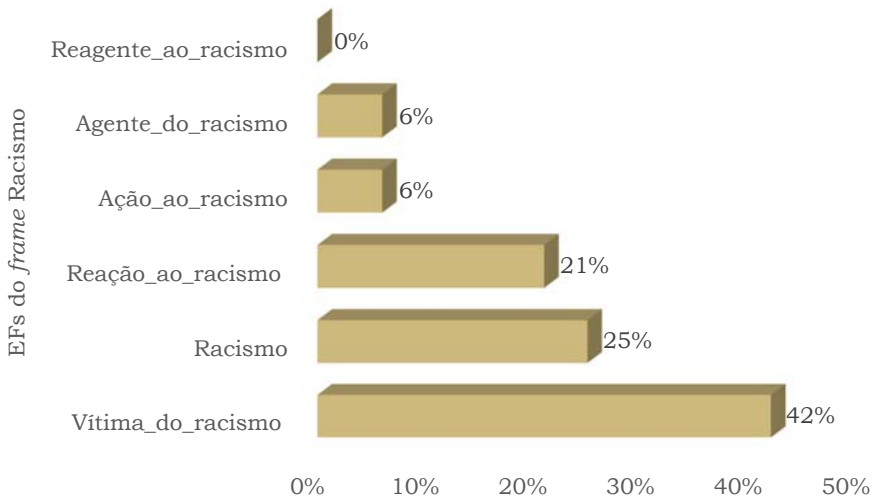


Gráfico 2 – Índice de mobilização de EFs do *frame* Racismo por meio de predicções verbais

Fonte: Adaptado de Parintins Lima (2019, p. 276).

¹¹ Na apresentação dos exemplos, o símbolo “§1/7” indica o parágrafo e o total de parágrafos do texto. Nesse exemplo, o trecho foi retirado do primeiro parágrafo de um texto com sete parágrafos.

Tanto a frequência de ativações de EFs do *frame* Racismo por meio das ativações de expressões referenciais quanto a frequência de ativações de EFs do mesmo *frame* por meio de predicções verbais indicam uma convergência de perspectivas sociais (Lima, 2014), uma intersubjetividade coletiva entre textos ou entre os autores desses textos, em termos de predominância de enquadramentos sociocognitivos do racismo similares. No caso das expressões referenciais, podemos entender que há mais convergência de perspectivação ou enquadramento do racismo, mais intersubjetividade coletiva, em torno do EF Racismo, por exemplo, conforme aponta o Gráfico 1, enquanto, no caso das predicções verbais, há mais convergência de enquadramento e perspectivas, um nível de intersubjetividade coletiva maior em torno do EF *Vítima_do_racismo*, conforme mostra o Gráfico 2. Podemos dizer que, observando conjuntamente os EFs predominantes no uso tanto de expressões referenciais como de predicções verbais, o racismo tende a ser enquadrado no *corpus* como uma entidade não agentiva, com ênfase nas vítimas que essa entidade (uma ação, uma prática, um evento, uma “força” ou processo social etc.) faz em seu funcionamento.

O sentido de agentividade emerge, por exemplo, não no enquadramento da entidade *racismo*, mas no das vítimas dele. As expressões referenciais e as predicções verbais utilizadas colaboram para a (re)construção do sentido das vítimas do racismo, conferindo-lhes um sentido mais pronunciado de agentividade, como exemplificado a seguir:

(3) T2, # *Somos todos macacos coisa nenhuma*, Marcos Sacramento, *Diário do Centro do Mundo*

§1/10 A reação foi rápida. Horas depois de Daniel Alves reagir com maestria a uma provocação racista, Neymar postou no Instagram uma foto segurando uma banana com a hashtag “somostodosmacacos”. O protesto viralizou e ganhou a adesão de famosos: Luciano Huck e Angélica, Ivete Sangalo, Alexandre Pires e até Inri Cristo posaram com a banana.

§2/10 Seria tudo lindo e altruísta não fossem duas coisas.

No exemplo, as expressões referenciais “Daniel Alves” e “Neymar”, como vítimas diretas ou indiretas do racismo ocorrido na partida na Espanha, são predicados por meio de verbos agentivos (“reagir com maestria a uma provocação racista” e “postou no Instagram uma foto segurando uma banana com a hashtag ‘somostodosmacacos’”). No exemplo, essas predicções verbais agentivas expressam informações escopos da nominalização catafórica “A reação” e da recategorização “O protesto” (Parintins Lima, 2019, p. 277):

Nesse sentido, essas predicções verbais podem ser um indício ou um precedente (considerando a relevância social do corpus por ser escrito por figuras públicas legitimadas em seu campo) para fazer emergir de forma relevante futuramente, ou em outros contextos em que o racismo seja um tema relevante, os preenchedores [fillers] sociocognitivos das vítimas do racismo enquanto EF (Vítima_do_racismo) como (re)agentes a este (Agentes ou Reagentes_contra_o_racismo), em práticas textuais/discursivas [e não como sujeitos apenas passivos frente ao racismo].

Nesse contexto, é predominante, no *corpus*, a saliência do sentido de racismo, de suas vítimas e dos impactos que estas enfrentam, possivelmente como uma forma de despertar a sensibilidade dos leitores em relação à sua existência. Isso

indica que há ainda nos textos do *corpus* a pressuposição de uma instabilidade social do antirracismo – seria necessário salientar menos as ações antirracistas e mais o racismo como força violenta, ainda que haja menos ênfase em seus agentes. A construção textual de práticas antirracistas propriamente ditas (que também não se observa de forma relevante no *corpus*) dependeria da estabilização social da representação do racismo como um processo social desumanizador (produtor de Vítimas), que é, esta sim, a tendência dos textos analisados (Parintins Lima, 2019, p. 278).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das ativações do *frame* Racismo em dez artigos de opinião sobre a #SomosTodosMacacos por meio de expressões referenciais e predicções verbais, procuramos mostrar que há uma tendência, nesse *corpus*, de mobilização dos elementos Racismo e Vítima_do_racismo, o que, por sua vez, indica que o racismo tende a ser enquadrado pelo conjunto desses textos como uma ENTIDADE, que atuaria na sociedade brasileira fazendo Vítimas_do_racismo. A análise dos EFs Racismo mais frequentes ativados no *corpus* aponta para o enquadramento do racismo como uma entidade que, apesar de não ter enfatizados seus agentes, os racistas, cria vítimas, também sociocognitivamente proeminentes por meio da ativação de determinados EFs.

Podemos dizer que há uma tendência, no conjunto dos artigos de opinião analisados, à convergência de perspectivas sociais (Lima, 2014) que indicam uma intersubjetividade coletiva que enquadra o racismo dessa forma. Essa observação é importante para se pensar na intencionalidade coletiva (Tomasello, 2014) de empatia social em relação ao racismo sofrido pelas pessoas negras, uma vez que a intersubjetividade pode ser considerada a matriz pragmática, como diz Tomasello (1999), de uma empatia desse tipo.

Levamos em consideração, neste estudo, que o conjunto dos artigos de opinião analisados não foi produzido em concerto, em termos sociais, quer dizer, de forma coletivamente planejada pelos seus autores. No entanto, a concomitância espaçotemporal (no Brasil, na semana posterior à publicação dos artigos), bem como a predominância de autores com experiência na temática racial brasileira, quer dizer, com a convergência de perspectiva social (Lima, 2014) similar, aponta para a validade da ideia de uma intersubjetividade coletiva do tipo aqui discutida, baseada em uma cognição social – o compartilhamento de conhecimentos perspectivados sobre o racismo no Brasil.

Com isso, o estudo dá bases teóricas e empíricas para compreender uma forma de ser da intersubjetividade coletiva como base da matriz pragmática (Tomasello, 1999) de determinados processos textuais e sociocognitivos que guiam a ativação de *frames* em textos, como o *frame* Racismo nos artigos de opinião sobre a #SomosTodosMacacos publicados no período em foco.

FRAMES IN TEXTS: FRAMINGS OF RACISM IN OPINION ARTICLES ABOUT THE #SOMOSTODOSMACACOS

Abstract: The present article analyzes sociocognitive framings of racism in opinion articles about the #SomosTodosMacacos in 2014. We base our study on a textual

approach to frames. Results suggest that, in the corpus, there is a collective intersubjectivity under the predominant framing of racism as a non-agentive entity causing victims.

Keywords: Frame. Text. Opinion article. Racism. Anti-racism.

REFERÊNCIAS

- BASSETO, L. M. T. *O processo de construção referencial nas crônicas de temas políticos escritas por Carlos Heitor Cony*. 2008. 159 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.
- BEAUGRANDE, R. de. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, NJ: Alex, 1997.
- BEAUGRANDE, R. de.; DRESSLER, W. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1987.
- CHISHMAN, R.; SANTOS, A. N. dos. O locus da referência na linguística cognitiva: realismo corporificado, projeções conceituais e o desafio da interface discurso-cognição. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, n. 1, jan./abr. 2017. DOI: <http://doi.org/10.20396/cel.v59i1.8648438>.
- CIENKI, A. Frames, idealized cognitive models and domains. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (org.). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 27-47.
- COULSON, S. *Semantic leaps: frame-shifting and conceptual blending in meaning construction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- FERRARI, N. *A conceptualização da corrupção no discurso político: construção referencial e mobilização de frames nos debates presidenciais brasileiros de 2014*. 2015. 160 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- FILLMORE, C. Frame semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137. Disponível em: http://brenocon.com/Fillmore%201982_2up.pdf. Acesso em: 26 fev. 2024.
- FILLMORE, C. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n. 2, p. 222-254, 1985. Disponível em: <https://www.icsi.berkeley.edu/icsi/node/3579>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- GOFFMAN, E. *Frame analysis*. New York: Harper & Row, 1974.
- ISHIKAWA, C. M. L.; MIRANDA, N. S. Construindo um pacto social em sala de aula de língua portuguesa. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 70-92, jan./jul. 2017. DOI: <https://doi.org/10.14393/LL63-v33n1a2017-3>.
- KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, I. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KOCH, I. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.

- KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-300.
- KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *DELTA*, São Paulo, n. 14, p. 169-190, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501998000300012>.
- LIMA, R. P. *Perspectivação social no Centro de Convivência de Afásicos do IEL-Unicamp*. 2014. 207 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/937769>. Acesso em: 4 jun. 2024.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1983.
- MARCUSCHI, L. A. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n. 1, p. 7-22, 2006. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v48i1.8637251>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARTINS, E. F. M. *Frames neoliberais na retórica neopentecostal: aspectos referenciais e sociocognitivos*. 2015. 233 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- MENEGALDO, K. *Progressão referencial entre textos na cobertura jornalística contínua*. 2016. 224 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- MINSKY, M. A Framework for representing knowledge. In: WINSTON, P. (ed.). *The psychology of computer vision*. New York: McGraw Hill, 1975. p. 211-277.
- MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. (org.). *Construções do português do Brasil*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2010.
- MIRANDA, N. S.; BERNARDO, F. C. Frames, discurso e valores. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, n. 1, jan./jun. 2013. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v55i1.8636596>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- MORATO, E. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 41, p. 93-113, 2010.
- MORATO, E. Da relação entre linguagem e cognição. In: RESENDE, B. D. et al. (org.). *Linguagem e cognição: um diálogo interdisciplinar*. Lecce: Pensa Multimedia, 2015. p. 25-51.
- MORATO, E. A construção de uma interface entre perspectivas neurolinguísticas e sociocognitivas: contribuições do grupo de pesquisa COGITES (Cognição, Interação e Significação). In: CAVALCANTE, S.; GABRIEL, R.; MOURA, H. (org.). *Linguagem, cognição e cultura: estudos em interface*. Campinas: Mercado de Letras, 2020.

MORATO, E. “Âncoras da deriva simbólica” – textos como formas de cognição social. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, p. e1901, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1901>.

MORATO, E.; BENTES, A. C. *Frames* em jogo na construção discursiva e interativa da referência. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 125-137, jan./jun. 2013. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v55i1.8636599>.

MORATO, E. et al. Processos implícitos, contextuais e multimodais na construção referencial em conversações entre afásicos e não afásicos: relato de pesquisa. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 12, n. 3, p. 711-742, 2012. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/1220. Acesso em: 26 fev. 2024.

MORATO, E. et al. O papel dos *frames* na organização do tópico discursivo e na coesividade comunicacional na interação entre afásicos e não afásicos. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, v. 1, p. 91-110, jan./abr. 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v59i1.8648347>.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PARINTINS, R. A construção textual do racismo em entrevistas televisivas no contexto da pandemia da Covid-19. *Investigações*, v. 35, n. 2, p. 1-32, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/253638>. Acesso em: 4 jun. 2024.

PARINTINS, R. Algumas palavras sobre (socio)cognitivismo: para o estudo textual das *fake news* e da relação entre linguagem, cognição e sociedade. *Saridh – Linguagem e Discurso*, v. 5, n. 2, p. 8-24, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/RevSaridh/article/view/35231>. Acesso em: 4 jun. 2024.

PARINTINS LIMA, R. *A construção textual e sociocognitiva do racismo em (des) alinhamentos à hashtag #SomosTodosMacacos*. 2019. 374 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1095364>. Acesso em: 4 jun. 2024.

PARINTINS LIMA, R.; MORATO, E. Racismo e violência verbal: a construção textual e sociocognitiva da #SomosTodosMacacos. *Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1637-1666, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/16684>. Acesso em: 6 jun. 2024.

SALOMÃO, M. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 23-29, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25385>. Acesso em: 26 fev. 2024.

SALOMÃO, M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25354>. Acesso em: 26 fev. 2024.

SALOMÃO, M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo de referência. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 44, p. 71-84, jan./jun. 2003. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v44i0.8637065>.

SANTOS, A. N. dos. *A sugestão legislativa nº 15/2014: entrelaçamentos e reenquadramentos de frames semânticos no debate sobre os direitos reprodutivos das mulheres no Brasil*. 2020. 296 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

TOMASELLO, M. *As origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TOMASELLO, M. *A natural history of human thinking*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2014.

VEREZA, S. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 41, p. 199-212, 2010.

VEREZA, S. Entrelaçando *frames*: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, jan./jun. 2013. DOI: <http://doi.org/10.20396/cel.v55i1.8636598>. Acesso em: 26 fev. 2024.